

"Crescimento econômico e equidade: os impactos sócio-econômicos de Suape e as estratégias de desenvolvimento no Nordeste"

Autor: José Henrique Artigas de Godoy
Universidade Federal da Paraíba

Especialmente a partir do segundo mandato de Lula o ritmo de redução das desigualdades regionais foi acelerado, embora isso não tenha sido função de uma política regional específica, mas de grandes investimentos em infraestrutura e em políticas sociais e de distribuição de renda, o que vem promovendo um rápido aquecimento do consumo e, conseqüentemente, uma cada vez maior atração de novos empreendimentos empresariais para a região.

Hoje o Nordeste vem atraindo investimentos em setores econômicos que envolvem grandes plantas industriais com incorporação de tecnologias de ponta, setores estes que jamais tiveram participação significativa na região, como: metalúrgico e siderúrgico, especialmente com a CSN em Pernambuco, que em 2012 estimou seus investimentos em cerca de R\$ 10,8 bilhões, com o crescimento das ações da Companhia Vale no Maranhão, com a ampliação do complexo de Aratu, na Bahia, e com a instalação da Cia. Siderúrgica de Pecém, no Ceará, associada ao porto, com investimentos previstos da ordem de R\$4 bilhões; o de fármacos, a partir da fundação do polo de hemoderivados, com a instalação, também em Pernambuco, da Novartis e da Hemobras; o de tecnologia da informação e comunicação, a partir dos polos instalados no Ceará, na Paraíba, na Bahia e em Pernambuco. Além desses setores industriais, também vem ganhando destaque, em função do rápido crescimento da renda na região, a atração de empresas nos setores de bens de consumo não duráveis, como alimentos, bebidas, confecções e calçados, assim como de bens duráveis, como os da chamada linha branca, envolvendo geladeiras, fogões, etc, favorecidos pelas políticas de diminuição de impostos, lançadas como recurso defensivo à crise de 2009 e retomadas com a nova crise internacional de 2012. O turismo também vem se destacando como atividade promissora para o Nordeste, verificando-se aumentos consideráveis na demanda e nos investimentos na região. Alguns setores tradicionais do Nordeste também vêm sendo favorecidos com a nova onda de crescimento econômico e ampliação da renda e do crédito, como os ligados às indústrias têxtil e sulcoalcooleira.

De 2003 a 2007, a renda real do trabalho no Nordeste cresceu 15,5%, enquanto a média nacional no mesmo período foi de apenas 6,8%. Cerca de 6,5 milhões de nordestinos

abandonaram a linha da pobreza no período, 48% do total nacional. O Nordeste também vem sendo relativamente privilegiado na distribuição de recursos do PAC, que destinou R\$ 80 bilhões para a região, o que representa 16% do total. Do ponto de vista educacional percebe-se também um panorama de lenta reversão dos indicadores negativos do Nordeste em relação ao resto do país. Nos últimos anos o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) teve maior elevação proporcional na região do Nordeste, assim como também se verificaram maiores melhorias proporcionais no acesso ao saneamento básico, enquanto o consumo de energia elétrica já supera o da região Sul. É também significativo para traçar um quadro da dinâmica atual, o fato de que em todos os anos de 2003 a 2008 o Nordeste aumentou o número de empregos formais em quantidades superiores à média nacional.

A magnitude e o ritmo das mudanças em curso atribuem importância ao acompanhamento dos processos de implantação desse novo padrão econômico, político e social que vem amparando os discursos e as ações estatais e privadas, recolocando no centro da agenda a questão do desenvolvimento. Praticamente todos os indicadores econômicos e sociais demonstram o grande impacto representado por esse novo momento na região Nordeste, marcado por políticas econômicas, sociais e ambientais orientadas pelo discurso desenvolvimentista e intervencionista estatal, embora sob uma perspectiva estatal de indução de investimentos privados, antes que de produção de bens e serviços. Pernambuco vem se destacando por apresentar, na última década, um crescimento econômico superior às médias nacional e regional, representando o principal centro de atração de investimentos e recursos federais do Nordeste. O complexo Industrial Portuário de Suape é o maior polo de concentração de investimentos no estado, por isso sua relevância para a reflexão sobre os novos discursos e práticas desenvolvimentistas do Nordeste.

Suape começou a ser concebido nos anos 1950 pelo padre francês Louis Joseph Le Bret. A proposta só passou a se efetivar a partir de 1977. Não obstante, a partir de 2007 ocorreu um verdadeiro *boom* no Complexo de Suape, que passou rapidamente a concentrar investimentos públicos e privados de grande porte, com destaque para aqueles vinculados ao PAC, tornando a área um gigantesco “canteiro de obras”. Suape vivenciou um enorme aumento dos investimentos públicos, saltando de uma média anual de R\$ 12,1 milhões entre 1995 e 2006, para R\$ 365 milhões. No que se refere aos recursos privados, até 2006 haviam sido instaladas em Suape 81 empresas, totalizando investimentos da ordem de US\$ 2,2 bilhões. Entre 2007 e 2010, 37 novas empresas foram ali instaladas, embora envolvendo investimentos de magnitude muito superior, US\$ 17 bilhões. De 2007 para 2012 os investimentos continuam a aumentar, assim como o número de grandes empresas instaladas no Complexo.

Hoje Suape concentra mais de 100 empresas de grande porte, especialmente nos setores: de petróleo e gás (Refinaria Abreu e Lima); petroquímico, têxtil sintético e de resinas plásticas (Petroquímica Suape, Citepe, Mossi & Guisolf, Cristal Pet, Brasalpa, Lorempet); naval

(Estaleiro Atlântico Sul, estaleiro Promar, Construcap, Navalmare); de energia eólica (Impsa Wind Power Eólica, RM Eólica); de siderurgia (Companhia Siderúrgica Suape CSS); de alimentos e bebidas (Bunge, Pepsico, Rexan, Pernod Ricardo, Campari, Coca-Cola, Cereser); de cerâmica (Duratex, Pamesa, Thor); de graneis de líquidos e gases (Decal, Tequimar, GLP, Brasilgas, Petrobras, Ultracargo, Pandenor, Temape, Pool Petrobras/Shell/Esso/Ipiranga/Texaco); de logística (Cone Suape); de distribuição (CD GM); de contêineres (TECON); termelétrico (Energética Suape); e de cimento (Cimento Brasil).

Hoje Suape concentra investimentos privados de cerca de R\$ 20 bilhões e se tornou o maior polo de atração de recursos públicos e privados do Nordeste e um dos maiores do país. O investimento que mais se destaca é a Refinaria Abreu e Lima. Os recursos envolvidos são da ordem de US\$ 13 bilhões. A previsão oficial é que gerará 1,5 mil empregos diretos e algo em torno de 130 mil indiretos. Ao redor da refinaria serão construídos seis estaleiros de grande porte, o primeiro deles já em funcionamento, o Atlântico Sul, maior da América Latina, do consórcio formado pelas mega-empresas Camargo Corrêa, Queiroz Galvão e Samsung.

O segundo maior volume de investimentos em Suape derivou da construção da Petroquímica Suape, envolvendo US\$ 2,2 bilhões e mais de 5 mil trabalhadores, entre 2009 e 2012. Além das indústrias petroquímicas, têxteis e automobilísticas, Suape também sedia o maior moinho da América do Sul, da Bunge.

Oito municípios compõem o *território estratégico* de Suape: Ipojuca, Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Escada, Ribeirão, Rio Formoso e Sirinhaém. Suape tem 60% de sua área industrial e portuária em Ipojuca e 40% no Cabo. Ipojuca foi, sem dúvida, a cidade mais impactada pela implantação do Complexo. O aumento populacional de 36% em apenas dez anos, de 59.281 para 80.637 habitantes, em decorrência de um forte fluxo migratório para o município, vem exigindo, em contrapartida, maiores investimentos em infraestrutura e programas sociais e ambientais. Cabo de Santo Agostinho também verificou um incremento populacional bastante acima da média do estado, sua população foi de 152.977 habitantes em 2000 para 185.025 em 2010, com uma taxa média de crescimento de 17%, segundo maior incremento entre os municípios do território estratégico.

Ipojuca apresentou, de 2000 a 2010, uma taxa média de crescimento econômico anual de 3,12%, quase três vezes a média do estado de Pernambuco, que foi de 1,06. Embora em uma proporção menor que Ipojuca, Cabo de Santo Agostinho também teve um crescimento econômico no período acima da média do estado, 1,92%.

Ipojuca atingiu um PIB municipal de mais de R\$ 7 bilhões, enquanto Cabo atingiu pouco mais de R\$ 3,8 bilhões.

A participação do PIB dos municípios selecionados no conjunto do PIB do estado de Pernambuco também ilustra as novas dinâmicas locais. Embora a população de Ipojuca tivesse, em 2010, uma participação de apenas 0,009% do total do estado, no ano anterior seu PIB

concentrou 9,03% de toda a riqueza produzida em Pernambuco. O município do Cabo também teve importante participação, atingindo, em 2009, 4,88% do total do estado.

Ipojuca atingiu em 2009 um PIB per capita de R\$ 93.792,00, mais de dez vezes a média do estado de Pernambuco, de R\$ 8.902,00. A cidade do Cabo atingiu no mesmo ano o segundo maior PIB per capita do território, de R\$ 22.301,00. Apesar do incremento na riqueza, Ipojuca apresentou uma renda média domiciliar per capita de R\$ 387,54, inferior ao salário mínimo e à média do estado de Pernambuco, que atingiu no mesmo ano R\$ 550,59. Embora pouco mais elevada, a renda média domiciliar per capita de Cabo de Santo Agostinho em 2010 foi de R\$ 433,73, também inferior à média do estado e ao salário mínimo. Os dados indicam que o crescimento econômico e do PIB desses municípios não ocorreu no mesmo ritmo e magnitude do aumento da renda em relação às demais cidades do estado, o que pode servir de indicação de uma desconexão entre os impactos econômicos promovidos por Suape e a melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento humano (IDH) da população local.

Em 2010, 48,44% da população de Ipojuca tinha renda de até meio salário mínimo, enquanto Cabo possuía 43,17%. A média do estado de Pernambuco no período foi de 45,27%.

Se, por um lado verificou-se um rápido e pronunciado crescimento econômico e redução do analfabetismo, outros indicadores sociais indicam a persistência de carências expressivas na região de Suape, como os de mortalidade infantil. Chama a atenção o fato de que Ipojuca registrou o mais elevado índice de mortalidade infantil do território estratégico, atingindo 32,52 crianças a cada mil nascidas vivas, indicador maior que o dobro da média de Pernambuco, 15,16.

Sem dúvida Ipojuca é um caso particular e merece atenção especial. Ao observar outros indicadores sociais é possível perceber que embora os impactos econômicos derivados da instalação do Complexo tenham influenciado o padrão de crescimento da região, não se refletiu no curto prazo em melhorias significativas na qualidade de vida da população. Em 2010, mais da metade da população de Ipojuca, 65%, não tinha concluído o primeiro grau. O índice de desocupação era semelhante ao do país, 7%, e 41% da população estava empregada na construção civil em funções de baixa qualificação técnica e baixos salários.

A partir dos trabalhos empíricos referenciados no *território estratégico* de Suape, procura-se dialogar com uma bibliografia teórica, histórica e contemporânea acerca da *questão do desenvolvimento*, destacando especialmente as dimensões social e política nela implicadas. A reflexão exige a retomada das características centrais dos diversos momentos desenvolvimentistas vivenciados no Brasil da década de 1930 à de 1980, o rompimento com a perspectiva intervencionista e nacionalista nos anos 1990, com a crise do *welfare state*, a onda neoliberal e, finalmente, em face do fracasso das políticas monetaristas, de ajuste fiscal, de desregulamentação e privatização, a reemergência de discursos e práticas de teor desenvolvimentista. A conformação de novas majorias políticas em diversos países da América

Latina, como o Brasil, favoreceram a ascensão de governos de esquerda e centro-esquerda, que influenciaram na reedição de plataformas nacionalistas e intervencionistas, embora sob novos parâmetros e circunstâncias, o que vêm exigindo a reflexão sobre as particularidades das novas políticas desenvolvimentistas, intervencionistas e redistributivas. Se, por um lado, propala-se um *neodesenvolvimentismo*, por outro percebe-se a reedição do clássico dilema entre crescimento e desenvolvimento, entre as esferas econômica e social, entre bem-estar e produtivismo. Estas questões, partidas da análise focada nas implicações locais em Suape, permitirão uma reflexão sobre os sentidos, os termos, os alcances e limites dos novos discursos e práticas inscritas sob a égide da *nova questão do desenvolvimento* no país e na América Latina.